

**JANDL, Ernst. *Eu nunca fui ao Brasil*. Tradução e seleção de Myriam Ávila. Belo Horizonte: Relicário, 2019, 168 p.**

Vássia Silveira<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Santa Catarina

Em abril de 2003, Haroldo de Campos afirmou em uma entrevista exclusiva à *Revista E*:<sup>2</sup> “Não traduzo por encomenda, ou ao léu; traduzo (...) pelo prazer textual (de que fala Barthes)” (CAMPOS, 2003, p. 29). Tal afirmação parece caber à tarefa empreendida por Myriam Ávila na seleção e tradução dos poemas de Ernst Jandl (1925-2000) reunidos em *Eu nunca fui ao Brasil*. Lançada este ano pela editora Relicário, a antologia bilíngue traz 49 poemas publicados, originalmente, em *Laut und Luise* (1966), *Idyllen* (1989), *Ottos Mops Hopst* (1988) e *Vom Vom Zum Zum* (1988); uma entrevista dada por Ernst Jandl a Alfred Estermann, no final dos anos 1990<sup>3</sup>; e um texto introdutório no qual Myriam compartilha com o leitor seu interesse pela obra do poeta austríaco e os critérios que nortearam as escolhas tradutórias: “Minha opção como tradutora é tentar provocar um efeito o mais semelhante possível ao do poema original, mantendo o humor, o trocadilho, as assonâncias desses poemas que, quase sempre, eram pensados para serem oralizados” (JANDL, 2019, p. 10).

A preocupação da tradutora obedece ao experimentalismo da poesia de Jandl, característica dos poemas reunidos, por exemplo, em *Laut und Luise* (1966). Os 15 textos selecionados desta obra para a antologia brasileira são uma boa mostra dos jogos sonoros e também visuais da poesia de Jandl, a exemplo dos poemas “Estações de água” (*Kuren*)<sup>4</sup>: e “Voz do autor” (*Autors stimme*)<sup>5</sup>, respectivamente:

umabaciacheiaumabaciacheiaumabaciach  
eiaumabaciacheiaumabaciacheiaumaba  
ciacheiaumabaciacheiaumabaciachei  
aumabaciacheiaumabaciacheiaum  
abaciacheiaumabaciacheiauma  
deusmelivredetantaagua

---

<sup>1</sup> Jornalista e escritora. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com bolsa CAPES. Mestra em Estudos da Tradução pelo mesmo programa. E-mail: vassia@uol.com.br

<sup>2</sup> CAMPOS, Haroldo de. (entrevista) *Coleção e: entrevistas reflexos*. São Paulo: Sesc São Paulo/Lazuli Editora, 2003.

<sup>3</sup> Entrevista publicada originalmente em: SCHLOSSER, Horst Dieter e ZIMMERMANN, Hans Dieter (orgs.). *Poetik* [Poética]. Frankfurt am Main: Athenäum Verlag, 1988.

<sup>4</sup> JANDL, 2019, p. 31.

<sup>5</sup> JANDL, 2019, p. 29.

e ————— c ————— h  
trela  
e ————— c ————— h  
tinta

Poeta, tradutor e professor, Jandl, assim como outros escritores da geração pós-guerra em língua alemã, lançou mão da experimentação literária como um caminho para a criação de uma nova linguagem. Integrante, nos anos 50, do Grupo de Viena (*Wiener Gruppe*)<sup>6</sup>, ele dedicou-se à poesia de inspiração concreta e experimental, criando o que chamava de “sprechgedichte”, ou poemas falados<sup>7</sup>, os quais eram exibidos em performances orais<sup>8</sup>, que deram origem também a projetos desenvolvidos em parcerias com músicos de jazz, a partir dos anos 1960. A tradução desse aspecto da poesia de Ernst Jandl para o português pode ser conferido em diversas escolhas feitas por Myriam Ávila, como as assonâncias e anáforas nos versos de “o totó de otto” (“ottos mops”): *o totó do otto trota/o otto: te toca totó/o totó vai pra toca/ o otto: só só* (JANDL, 2019, p. 127) e as rimas nos poemas “9 dísticos” (“9 zweizeiler”) ou o “bonde” (“tramway”)<sup>9</sup>:

belas moças se erguem apressadas  
quando no bonde faço minha entrada

mãe cutuca a filhinha meu amor  
não deixe ficar de pé esse senhor

senhora idosa reage imediatamente  
já vou descer meu bem volte e se sente

e eu caradura sento-me então  
já que em mim perceberam o ancião

---

<sup>6</sup> Criado por volta de 1954, o grupo reunia, em Viena, escritores austríacos como Hans Carl Artmann, Friedrich Achleitner e Konrad Bayer.

<sup>7</sup> Para ouvir alguns desses poemas na voz do próprio Jandl, ver: <https://www.lyrikline.org/en/poems/wienheldenplatz-1229>.

<sup>8</sup> Em 11 de junho de 1965, Jandl foi um dos poetas a subir no palco do Royal Albert Hall, em Londres, onde leu um de seus poemas para uma plateia de sete mil pessoas. Ver: [https://youtu.be/BX6A0O\\_KCPg](https://youtu.be/BX6A0O_KCPg)

<sup>9</sup> JANDL, 2019, p. 97.

O título da edição brasileira, uma brincadeira da tradutora com o desejo manifesto do poeta austríaco em conhecer o Brasil, remete ao poema “calipso” (“calypso”)<sup>10</sup>, cuja versão em português deixa claro que a tarefa empreendida por Myriam Ávila na tradução se manteve solidária com a ideia de ruptura presente nos jogos linguísticos do texto de partida, resultando em uma deliciosa mistura de sotaques e línguas:

não fui not yet  
ao brasil  
pro brasil  
eu uuld laik to go

onde as uímen  
são tão outras  
tão mais outras  
do que as outras

não fui not yet  
ao brasil  
pro brasil  
eu uuld laik to go

já que entendo  
um tan’ de languages  
quero entender também  
a language do rio

não fui not yet  
ao brasil  
pro brasil  
eu uuld laik to go

se me mandam  
pr’além-mar  
uai não me mandar  
prond’eu uuld laik to estar

pois é me mandam  
pr’além do mar  
onde eu não fui ainda  
é qu’eu uuld laik to estar

não fui not yet  
ao brasil  
pro brasil  
eu uuld laik to go

---

<sup>10</sup> JANDL, 2019, p. 18-19.

Longe de ser uma tradução servil, os poemas traduzidos para o português em *Eu nunca fui ao Brasil*, mostram um trabalho de fôlego da tradutora – felizmente reconhecido: ficou em segundo lugar, na categoria tradução, no Prêmio Literário 2019 da Biblioteca Nacional, divulgado em 10 de outubro deste ano.

De fato, e independente do merecido prêmio, a tradução de Myriam Ávila dá aos leitores brasileiros, que não dominam o alemão, a possibilidade de experimentar o jogo, a ruptura e o humor da poesia de Jandl, visíveis em poemas como “dileção” (“lichtung”) – *dizem que/direrda e esqueita/não se bodem/convundir./puro encano!* (JANDL, 2019, p. 57), e “fodinha” (“kurzficker”) – *dr. fodinha/prof. dr. fodinha/exmo. sr. dr. fodinha/exmo sr. prof. dr. honoris causa fodinha* (JANDL, 2019, p. 113). E soa como um tributo às especificidades que a poesia oferece à atividade tradutória, nos fazendo lembrar, como defendia Haroldo de Campos<sup>11</sup>, que “a tradução de poesia (...) é antes de tudo uma vivência interior do mundo e da técnica do traduzido. Como que se desmonta e se remonta a máquina da criação, aquela fragílima beleza aparentemente intangível que nos oferece o produto acabado numa língua estranha. E que, no entanto, se revela suscetível de uma vivissecação implacável, que lhe revolve as entranhas, para trazê-la novamente à luz num corpo linguístico diverso” (CAMPOS, 2013, p. 43).

Não bastasse isso, a decisão de incluir ao final do livro a entrevista traduzida de Jandl desperta ainda mais a curiosidade sobre a obra do autor, considerado como um dos mais representativos da poesia moderna alemã, e serve como uma espécie de guia para compreender as diversas referências – a música, as artes plásticas, a performance – presentes em seu trabalho, bem como as experiências, pois, como afirmou o próprio poeta: “A experiência das possibilidades linguísticas ou poéticas não se separa das demais experiências, de uma experiência ao mesmo tempo como professor, amigo, pessoa que faz isto e aquilo, e que se instila nas coisas”. (JANDL, 2019, p. 158).

---

<sup>11</sup> CAMPOS, Haroldo de *Metalinguagem & outras metas: ensaios de teoria e crítica literária*. São Paulo: Perspectiva, 2013.